

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**  
**Disciplina: IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM**  
**PROFESSORA: Dr<sup>a</sup> Sônia Afonso**

**IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM:  
DELIMITANDO FRONTEIRAS**

**Eng. Arq. CARLOS ALBERTO BARBOSA SOUZA**

Florianópolis, dezembro de 2002

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a grande discussão existente no ensino da arquitetura e na prática da arquitetura é se existe realmente um método para ensinar projeto de arquitetura e urbanismo e se existe um método para a prática de projeto de arquitetura e urbanismo.

A idéia parece ser precisa quando nos referimos ao projeto de arquitetura e urbanismo. Ela é percebida tanto pelos alunos quanto pelos profissionais de várias formas (sonhos, esboços, croquis, etc). Parece-nos que a fase mais obscura do processo de criação e de projeto de arquitetura e urbanismo se concentra no método, pois cada profissional teria um momento e um processo (método) que lhe é particular. Em relação à linguagem, ela também é mais perceptível quando a idéia se transforma no projeto (em papel ou meio digital), quando o arquiteto traz para o papel o que processou até aqui em nível mental.

Um ponto, porém, é comum nas análises de alguns estudiosos dos processos do “criar arquitetonicamente”: idéia, método e linguagem encontram sua importância no processo de criação de uma forma intrínseca, e muitas vezes as etapas se intercalam. Há uma certa “confusão” de fronteiras entre o que é processo criativo e aplicação de um método visando a consecução de uma obra. A criação pode ocorrer enquanto processo mental ou ela somente é criação a partir da representação gráfica, a partir do momento em que se torna “projeto”?

Pretendemos aqui, com este trabalho, fazer uma análise sobre esses três componentes do processo criativo e de trabalho do arquiteto, como forma de, a partir da definição de cada um, tentar entender porque ocorre esta contínua fusão entre eles e porque é muito particular a opção que cada projetista faz para desenvolver da melhor maneira a sua criação. Da mesma forma, esta definição também visa levar ao acadêmico uma melhor compreensão da importância de cada uma dessas etapas no processo de construção da obra.

As palavras-chave para este estudo que serão analisadas a seguir são: idéia, método e linguagem.

## **2 IDEIA, MÉTODO E LINGUAGEM**

### **2.1 Idéia**

Entendida como a representação mental de algo concreto ou abstrato, a idéia - ou inspiração, pré-concepção -, é para alguns a parte mais importante de todo um processo construtivo, enquanto para outros, pode ser delimitada dentro de uma sequência de tarefas, onde a análise é o fator de maior destaque (Mascaro, apud Afonso: 12).

Quando pensamos na idéia como concepção do Projeto Arquitetônico, diversas questões nos vêm à mente, sempre enredadas com os velhos dilemas clássicos da arquitetura que permeiam a relação obra-espço, e, ainda mais especificamente, obra-representação, obra-utilização, obra-finalidade, e assim por diante, tratados por alguns autores.

Assim, em Kahn, na concepção arquitetônica há que se considerar a composição estética e a autonomia do edifício, o respeito pelos materiais, o sentido do espaço, a luz como fator construtivo e a sequência lógica ou simbólica da composição. Para este autor, os espaços devem mostrar claramente como sugerem as funções a que estão destinados; a escola que se projeta deve espelhar a escola que se deseja. Kahn define o desejo como a origem das formas de expressão e o instrumento usado por ele para indagar é o desenho, a ligação entre idéia e forma construída (Afonso: 13).

A idéia, como pré-concepção, pode ser entendida aqui também como a tentativa de criar “um novo”, estabelecer uma “modernidade”. Para exemplificar, nada melhor que observarmos o trabalho de Niemeyer. Para ele, diante da evolução das técnicas e dos programas, o arquiteto vem concebendo o seu projeto, frio ou belo, conforme sua sensibilidade. Assim, para uns o que conta é a função, enquanto para outros importa a beleza, a surpresa arquitetural, como é o seu caso. A forma abstrata sempre lhe atraiu, pura, delgada, solta no espaço, e ele confessa ficar tranquilo com a certeza de que as pessoas que vão a Brasília, ao observarem suas obras, não podem dizer terem visto antes coisa semelhante.

Na mesma linha manifesta-se Vilanova Artigas, quando concorda que artistas e arquitetos viram ampliar-se o seu repertório formal. Arte e técnica se confundiram como métodos. A consciência, com seu lado sensível e seu lado racional, não tem sido corretamente interpretada como um inteiro – é vista como somatória de duas metades - e cabe se reconhecer

essa dicotomia e ultrapassá-la, pois afinal, para se construir igrejas, é necessário que primeiro as imaginemos.

Christofer Jones diz que os métodos são tentativas de exteriorizar o processo de projeto, e assim, há três pontos de vista: o da criatividade (caixa preta), o da racionalidade (caixa transparente) e o do controle do processo (projeto auto organizado). No primeiro, o projetista cria impregnado de experiências anteriores, sob exigências sociais, dependente de um tempo disponível e dependendo de como enfrentar o problema os resultados podem ser relevantes. No segundo, o projetista opera com a informação oferecida e obedece a uma sequência de etapas analíticas, sintéticas e de valorações, só encerrada ao identificar todas as soluções possíveis. Nesta etapa o projetista fixa objetivos, variáveis e critérios “a priori”, completa primeiro a análise antes de buscar soluções, avalia de forma lingüística e lógica, e não experimental, e define estratégias antecipadamente, de forma linear e condicional. Há um risco nesta fase de querer se retornar a comportamento do ponto de vista anterior. Quanto ao projeto auto-organizado, este auxilia em muitas situações em que o projetista se vê frente a abandonar o projeto, escolher objetivos arbitrários para seleção ou avaliar cuidadosamente cada uma das alternativas. Uma alternativa é fugir de buscas cegas e optar por uma busca inteligente, em que se utiliza resultados de buscas parciais como forma de estratégia mais objetiva para se chegar a um resultado; isso requer a criação de uma meta linguagem para prever os resultados mais prováveis e encontrar o mais promissor.

Na visão de Navarro e Serrano (apud Afonso: 16), a criação ocorre na passagem do estudo preliminar para o anteprojeto. Nas suas pesquisas sobre criatividade, encontraram uma sequência de quatro etapas no processo de pensamento: preparação (informações sobre o problema), incubação (a maturação no inconsciente), iluminação (quando o problema vem à consciência) e verificação (da solução).

Afonso entende que a concepção de idéia reúne um pouco de cada um dos autores citados, destacando: a preocupação com o processo científico de conhecimento, com estabelecimento de hipóteses (filosofia), a busca constante de conceitos sobre o que deve ser cada espaço para cada ação dentro de cada função (conforme Kahn), a idéia incubada que vêm à tona (conforme Broadbent) e a verificação ou análise da solução “circulando” nos espaços projetados, (Niemeyer e Le Corbusier).

## 2.2 Método

No processo criador, o projetista vale-se de alguns métodos desde a fase de concepção até a realização e materialização de sua idéia. A definição conceitual de método gera alguma discussão entre diversos autores, resultando numa indagação que ainda é de difícil resposta: o método pode ser definido como processo ou como técnica de projeto?

Para Gregotti (apud Afonso) a ciência se propõe à Arquitetura segundo duas direções: como modelo de indagação e conhecimento da realidade para a previsão de seu comportamento (o operar arquitetônico) ou como valor primeiro e propriedade específica, como matéria preeminente a ser formada entre os objetos do mundo. No primeiro caso, há dois aspectos: racionalização dos métodos de produção e compreensão científica das conexões internas e externas ao projeto, pressupondo pesquisa científica em arquitetura como algo diverso ao projeto. No segundo caso, há um comprometimento da capacidade dos instrumentos de controle da operação projetual do arquiteto enquanto operação artística. A modernidade nos indicou o objeto não como forma fechada, mas como flexível, polivalente, campo possível de contestação de si mesmo. Os instrumentos de racionalização pertencem aos métodos de “solução de problemas”.

No entender de Afonso, essas duas abordagens, que pretendem relacionar a atuação científica (funcionalista) e a atuação estética (formalista) são falhas, por serem excludentes e não conseguirem reunir a preocupação com a ciência, a criatividade, o comprometimento com o usuário e o tratamento dos materiais. Assim, cada um atua “procurando em lógica própria a defesa de sua atuação”. A autora lembra Gregotti, quando este diz que as experiências tanto mais são verificadas quanto mais comprometidas estejam com o desempenho financeiro – e isso não é pesquisa científica. De outro lado, “quanto mais próxima a prática se vincula ao desenvolvimento da pesquisa científica, tanto mais aparece como algo diverso do projeto” (Afonso, p. 17). Importante destacar que o termo projeto aparece como algo a um passo da Arquitetura, ou seja, elaborado num nível mental e da representação, mas não material, passível de avaliação e modificações. Conclui entendendo que a segunda abordagem parece ser a mais rica ao vincular a Arquitetura com a racionalização de padrões estéticos no contexto da cultura vigente. É o que propõe Stirling, que evidencia bem esta proposição de uma arquitetura que tome o contexto cultural como referência (superação do racionalismo, onde o objeto gera o conceito). Uma arquitetura que “converse com a paisagem”, que seja

comunicativa, configurada por detalhes e realçada volumetricamente, servindo como referência do passado cultural da cidade.

Uma outra prática metodológica pode ser exemplificada pelo trabalho realizado pelo CEPA – Centro de Estudios e Proyección del Ambiente, *Transformaciones Ambientales e Proyección del Ambiente*, que estabelece com o projeto ambiental um mediador entre o ponto de vista tecnocrático utilitarista e o ecológico, na tentativa de enfrentar as transformações ambientais via processos decisoriais semelhantes à elas, um processo ao qual se deu o nome de “circularidade retroativa”, representado por uma linha helicoidal onde se distinguem: *Estados e Transições, Fases Projetuais* (definição e descrição da finalidade, com requisitos ambientais para o espaço e seu conjunto, e dos objetivos; e análise do sistema e seus componentes para prever comportamento e possíveis conflitos), *Síntese* (escolha da estratégia mais adequada para evitar conflitos. Nesta fase surge a estruturação espacial, deixa de ser um modelo abstrato para ser uma pré-forma localizada no tempo/espaço – o projeto; aqui se define o momento da criação), *Ação* (lógica geométrico-construtiva) e *execução das decisões* (projeto) *tomadas na síntese* (a necessidade de construir leva à lógica geométrico-construtiva, e esta se ocupa da expressão - linguagem -, da forma e dos materiais. Na arquitetura a linguagem tem sido desprezada em nome da liberdade criativa), e *verificação* (uso do novo estado conseguido para o sistema e sua compatibilidade com a finalidade perseguida. Avaliação do grau de acerto, atendimento a necessidades, flexibilidade frente imprevistos e possíveis reformas).

A crítica feita é que se trata de um quadro metodológico e não de um método, já que este é um instrumento válido segundo cada caso, e sendo assim, vale para o momento onde o ambiente existe. Assumir esse enfoque implica na releitura dos grandes exemplos da história como resultados alternativos. O processo, sendo uma metodologia, não quer fixar etapas, mas sugerir uma lógica real, e propõe-se a oferecer um quadro alternativo nas disciplinas projetuais do espaço, e, assim sendo, constitui a estrutura da linguagem figurativa espacial e suas leis funcionais. Embora pareça pretensiosa, a metodologia do CEPA tem o mérito de percorrer passo-a-passo o processo criativo e construtivo, considerando aspectos importantes e desmistificando outros (pessoas que querem realizar uma arquitetura sem parâmetros metodológicos passíveis de avaliação, por exemplo).

O professor Edson Mahfuz tem desenvolvido estudos referentes ao método de projeto de arquitetura e método de ensino de projeto de arquitetura e é a partir de uma abordagem deste autor, em entrevista publicada na Revista Projeto, em 1984 (Afonso, 2002), que, a

seguir, falaremos sobre os quatro métodos de geração formal mais comumente usados em Arquitetura. Embora aqui tratados separadamente, eles geralmente aparecem em combinação durante o processo de composição. Nem sempre todos se empregam ao mesmo tempo, mas é comum que pelo menos dois ou três estejam presentes no produto final.

O *Método Inovativo*, é utilizado para resolver um problema sem precedentes, ou um problema comum de maneira diferente. Por ele se cria algo que não existia anteriormente. Este método tem sua origem nos primeiros construtores, que por erro e acerto chegaram até ao ponto satisfatório de garantia e proteção dos materiais utilizados nas construções. Devido ao enorme número de artefatos produzidos ao longo dos tempos, é muito difícil hoje um arquiteto ser original na solução de um problema. Assim, este método hoje está mais ligado a criação de detalhes (pórticos, transições, colunas, etc), praticamente a única área em que um arquiteto ainda pode ser original. Na arquitetura, inovar tem o sentido de modificar, ou seja, quando uma solução inovadora e original é criada – exigindo o emprego de um material novo - ou novas formas para edifícios voltados a atividades inteiramente novas são incorporadas. O método inovativo tem, como o seu nome indica, a intenção de inovar, ajudando-nos a criar formas que diferem das existentes. Isso ocorre de duas formas: por um cruzamento de contextos, buscando soluções fora da Arquitetura, com analogias positivas traçadas entre os dois contextos, e por meio de uma inversão do procedimento estabelecido para resolver um determinado problema arquitetônico (analogia negativa).

No *Método Normativo* as formas arquitetônicas são criadas com a ajuda de normas estéticas, com destaque para três tipos: sistema de coordenadas, composto de linhas que se cruzam com direções e dimensões constantes, sendo mais usado aquele em que as linhas se cruzam a 90 graus, chamado de malha ou grelha, podendo ser bi ou tridimensional; sistemas proporcionais, para criar um senso de ordem entre os elementos de uma composição, havendo também razões filosóficas para seu uso (Seção Aura, as Ordens Clássicas, etc.); uso de formas geométricas elementares como elemento de definição e controle das partes principais de uma edificação (esfera, cubo, paralelepípedo, além de figuras que gerem esses volumes. Normas estéticas são empregadas por duas razões: desejo de criar um senso de ordem, ou por subordinação a algum sistema formal abrangente; e o fato do uso dessas normas conferir ao arquiteto maior autoridade e segurança para a tomada de decisões formais e dimensionais.

O *Método Tipológico* refere-se ao “tipo”, que é algo que não pode mais ser reduzido do que já é. “O tipo deve ser entendido como a estrutura interior de uma forma ou um princípio que contém a possibilidade de variação formal infinita, e até de sua própria

modificação estrutural”. Todo edifício pode ser reduzido conceitualmente a um tipo, em que se vê apenas a relação entre as partes, deixando de lado estas propriamente ditas. O uso de um determinado tipo geralmente justifica alguma afinidade estrutural, uma analogia entre um precedente e o problema proposto. Uma consequência do emprego deste método é a implicação de que as formas não estão sempre ligadas às funções as quais foram projetadas.

Por último, o Método Mimetista, pelo qual, como diz o nome (imitativo), escolhe-se um modelo arquitetônico para ser imitado, baseado na larga aceitação do modelo e no reconhecimento de que certa obra é a melhor solução para um problema e, não podendo ser aperfeiçoada, deve ser imitada. Quatro conceitos de imitação foram desenvolvidos, porém trataremos aqui de dois: o platônico (a imitação é uma cópia fiel) e o aristotélico (livre interpretação e adaptação). Quando os modelos são transpostos no tempo e no espaço, o próprio contexto é diferente, e por isso não há cópias perfeitas, e neste método há um razoável grau de invenção, cujo fim é adaptar o modelo às novas circunstâncias. O que ocorre é que há uma geração de novas arquitetura com o auxílio de analogias visuais, que são classificadas em três grupos: revivalismo (imitação de edifícios de outro tempo ou outro lugar), ecletismo estilístico (imitação não de edifícios inteiros, mas de partes) e analogia estilística (em vez de edifícios inteiros ou partes, aqui se utiliza um número reduzido de partes, tomadas com cuidado de modelos escolhidos, visando dar significados precisos a novos artefatos arquitetônicos): “é uma reinvenção do motivo, de maneira a formar uma nova linguagem, que, não obstante, ainda carrega o original como uma sombra” (Mahfuz, apud Afonso, 2002).

Finalizando, vimos que a criação – em linhas gerais – pode ser entendida como a revelação da idéia através da imagem, e nasce e se torna idéia através de um processo mental no qual todo o conhecimento do homem intervém, influenciando culturalmente e ligando a criação a um processo histórico – a história passa a participar dessa revelação de um modo ativo e o arquiteto não pode fugir de seu papel cultural por encontrar-se inserido no processo.

Qual é, porém, a história que intervém?

Essa é uma discussão presente quando se tenta definir qual o melhor método de trabalho a ser adotado, seja em nível do aprendizado acadêmico, seja em nível do trabalho do profissional, uma vez que os procedimentos na concepção da obra e na utilização de materiais variam muito de profissional para profissional. Para uns, há um fervoroso trabalho na fase mental da concepção da obra, e o método de trabalho do projetista desenvolve-se mais nesta fase, em que a concepção arquitetônica é ainda uma “idéia” – e todas as hipóteses giram na esfera das idéias – o plano mental. Para outros, esta fase mental não traduz um método, pois

este seria a forma organizada de passar as “imagens pensadas” para o plano da realização. Assim considerando, então o projeto se torna “o único recurso metodológico que é constante no processo de transferência da idéia para o plano da realização” (Gasperini, 1987: 07). O projeto é um ato metodológico complexo por envolver procedimentos de transformação de conceitos mentais para representações/informações gráficas.

Entendemos que o ato criativo – que na Arquitetura pode ser entendido como o início do processo de surgimento da obra – torna-se então algo muito particular do projetista. Depurar essa criação e transformá-la em idéia, em projeto (saída da caixa preta para a caixa transparente) compreende etapas que, na visão pessoal de cada projetista, têm maior ou menor importância. Assim, enquanto para um a criação mental pode render melhores frutos, para outros o processo só se realiza pela sucessiva aplicação de metodologias de trabalho. Para estes, criar ocorre quando a idéia é transportada para o papel, para o projeto, não havendo ainda criação quando ela se manifesta no nível mental. Essa mesma dificuldade em estabelecer definições para o ato da criação está presente nas academias, onde a formação crítica do arquiteto esbarra numa série de procedimentos, muitos desses apenas como maneiras de tratar a criação de uma forma metodológica, porém não abrangentes, uma vez que, ao trabalhar com a criação, a idéia, o método e a linguagem acabam fundindo-se nas etapas diversas e não há, portanto, limites definidos – daí a dificuldade do estabelecimento de conceitos. A dificuldade para definir o método e a mesma quando se trata da *linguagem*, que abordaremos a seguir.

### **2.3 Linguagem**

A linguagem na arquitetura tem uma forte relação de cunho sócio-antropológico (ou psicológico), quando entendida como representação de um contexto, de um “tempo social” da humanidade. Assim, é representativa da instituição, em sua tipologia, como entendeu Kahn, para quem topologia, morfologia e tipologia constituem a linguagem da Arquitetura (conceito de tipologia relacionado ao conceito de instituição – a linguagem da arquitetura traduz as instituições humanas e refletem uma forma coletiva de participação e comunicação) (Afonso: 20). Mas se avançarmos no tempo e chegarmos a atualidade, vemos que há correntes que consideram a Arquitetura moderna livre dessa tipologia, da ornamentação. Mas podemos perguntar: diferente de outros períodos, como o Barroco e o Classicismo, não teria o

ornamento assumido hoje um novo feitio? O trabalho artesanal de outrora foi substituído e hoje materiais industrializados que realçam o método construtivo e tiram partido dele. Desenhados de modo repetitivo, à maneira da música, dão à obra um aspecto menos sóbrio (o tijolo à vista, o concreto texturizado, o ritmo da estrutura, etc). Enfim, tão logo a função utilitária do edifício esteja atendida, surge a necessidade de dar ao espaço uma feição: é quando impomos ao ambiente (a casa que enchemos de coisas “inúteis”, por exemplo), à obra, a nossa própria linguagem. Usado com inteligência, o ornamento *é funcional*, pois ele altera e cria espaços e cria profundidade onde há falta (Mahfuz, Edson - *Arquitetura Moderna*: 17).

A relação *linguagem e técnica* é que tem permitido o avanço e introdução de novas técnicas, sejam em termos de ornamentação, seja em termos dos materiais empregados e também das próprias estruturas. Na busca de apresentar uma mensagem (a obra) que tenha um significado, o projetista precisa basear-se em dois aspectos: o contexto da arquitetura e a técnica que será empregada. Esta passa a fazer parte da manifestação arquitetônica como expressão e linguagem, e não como suporte da exteriorização do pensamento arquitetônico (Gasperini, 1987: 20).

Se de um lado a organização metodológica do trabalho do arquiteto é linear, a tomada de decisões relativas à importância e peso das prioridades é subjetiva (ou os valores subjetivos existentes na decisão podem caracterizar a atitude final do arquiteto); assim, não existem dois projetos iguais para o mesmo tema, sempre havendo pequenos desvios individualistas (daí o caráter próprio do projeto, pela interpretação subjetiva dos dados pelo arquiteto. “O leque de alternativas estimula o surgimento de uma posição crítica por parte do arquiteto diante do problema: a escolha é sempre uma opção crítica, que caracteriza a obra do arquiteto” (Gasperini, 1987: 16), e é nesta fase de avaliação e decisão que reside a sensibilidade do profissional em propor soluções adequadas ao problema.

Não há de fato um momento em que surge a idéia; esta vai sendo maturada constantemente, aperfeiçoando-se entre idas e voltas, num diálogo mente-prancheta na medida em que se aprofunda cada aspecto. Existe portanto uma dualidade metodológica na atividade do projeto: a linearidade e a subjetividade, o que não impede um comportamento único do arquiteto diante das decisões. Não pode haver omissão ou arbítrio na análise dos dados, sob risco de se criar uma obra sem utilidade, anacrônica; este rigor deve fazer parte da ética do profissional. É preciso distinguir a emoção do raciocínio, porque a Arquitetura é um bem coletivo, destinado a sobreviver ao tempo.

Assim, a exteriorização da idéia é o que se chama *linguagem* em Arquitetura, que se refere aos aspectos exteriores, à formalização e expressão através de sinais apropriados para transmitir as idéias e pensamentos. “É portanto um ‘sistema’ não vocal, mas simbólico, destinado a transmitir o significado da Arquitetura. Linguagem, símbolos e significados nos parecem estar intimamente ligados neste processo” (Gasperini, 1987 : 19).

A questão do Conceito também é de suma importância na transmissão do significado da obra arquitetônica, uma vez que a mediatização entre quem faz a obra e quem a vê/utiliza se realiza por símbolos, que já estão implícitos no pensamento, “são constitutivos daquela idéia e não apenas a representam. Portanto, o conceito em Arquitetura já se constitui direcionado para a linguagem através da qual o espaço se fará compreendido por quem o ler.” Assim posto,

“(…) os pensamentos do arquiteto e do público só se entendem reciprocamente através da mediação da linguagem que os coloca em relação. (...) A arquitetura deixa de ser mero veículo instrumental e mostra-se como momento conceitual. (...). Portanto, nem o conceito é da pura ordem da subjetividade e da teoria, nem o projeto e a obra são da pura ordem da subjetividade e da prática empírica. O conceito se faz na própria representação e na própria construção” (Beeck, 2002: 17).

Há uma certa crítica generalizada, com destaque para Jenckes (apud Afonso: 20), contra os arquitetos engajados no que se convencionou chamar de pós-modernismo, de que estes surgiram a partir de movimentos precedentes, porque viram as deficiências da arquitetura moderna, seja na sua ideologia ou na sua linguagem. Para Jenckes, os pós-modernos elaboraram uma morfologia baseada na cidade – o contextualismo – com uma linguagem arquitetônica mais rica, baseada na metáfora, revivendo a noção dos contrastes urbanos (os traçados urbanos eram concebidos para completar o esquema da cidade e não para distorce-lo em termos morfológicos). No entender de Afonso (????: 20), “os arquitetos usam tecnologia atual (aceitando a sociedade industrial e seus gostos) mas aplicam-na, a meu ver, travestida, às vezes, de classicismo, às vezes de art-pop”.

## CONCLUSÃO

Neste estudo, passamos em análise os termos *idéia, método e linguagem*, enquanto partes do processo de trabalho do Arquiteto, conceitos que permeiam uma extensa discussão acadêmica que se estende para fora das salas de aula e compreende todo o universo que abrange os profissionais desta área.

Conceitos que de certa forma se intercalam, a pergunta que surge de imediato é: em que momento podem ser separados, analisados individualmente, e tratados como coisa única? Qual o exato momento da criação de uma idéia? No nível mental ou a partir do momento em que o projetista passa a “representar”, desenhar sua idéia e transforma-la em “projeto”. É a idéia tornada criação somente quando posta no papel, ou podemos considera-la já na esfera da “caixa preta”, do pensamento? Afinal, quando realiza a descrição da idéia no papel, o projetista já a tem pré-concebida e o que virá a seguir serão os aperfeiçoamentos que o projeto irá determinar a partir das condicionantes que forem surgindo.

A partir do projeto, o Arquiteto dispõe de uma série de informações que permitirão a ele traçar os melhores caminhos para atingir seus objetivos, fazer as correções de possíveis erros, determinar novos procedimentos, enfim “polir, lapidar” a idéia mentalmente concebida. É sob esta análise que muitos defendem que a criação se dá justamente no momento do desenho, do projeto, e no aperfeiçoamento deste; a fase mental estaria reservada apenas aos primeiros “esboços” da idéia criativa.

Quanto à linguagem, esta pede antes de tudo a formação crítica do arquiteto, voltada para uma concepção que funde elementos sociais da história, sociologia e psicologia, determinando o contexto social no qual a obra irá se inserir. Hoje, o que se percebe é um cuidado com uma “leitura” mais apurada do chamado contexto social, no qual a obra irá manifestar-se. A questão da identidade, do cidadão comum reconhecer-se nas obras, nas instituições de sua sociedade, determina muitas vezes os rumos da criação arquitetônica, pois há uma preocupação cada vez maior com a linguagem. Mesmo que venha despojando-se pelos séculos afora, de uma ornamentação pesada em troca de elementos mais leves de composição, a arquitetura não abandona de todo sua tipologia clássica e vai nesse processo relendo sua própria história. É assim que hoje ela incorpora novos materiais e novas formas estruturais para apresentar em muitos casos obras que ainda estão de certa forma

morfologicamente atreladas com a arquitetura do passado, embora revestidas de uma nova leitura.

Porém, afóra as diversas correntes e suas opiniões, é ponto comum entre a maioria dos estudiosos que a idéia, o método e a linguagem encontram-se bastante atrelados enquanto partes do processo de trabalho do Arquiteto. Dependerá da personalidade, da sensibilidade e dos objetivos de cada profissional um atrelamento maior a uma das etapas do processo, embora isso não signifique que a escolha por uma das fases minimizará a atenção nas demais. Embora tenha um trabalho que de certa forma incorpora um processo de criação “artístico”, o Arquiteto está preso a rotinas, a análises e a técnicas que muitas vezes não pode desprezar, seja por questões técnicas ou mesmo éticas. Faz parte de seu trabalho a releitura, a análise contínua e a correção de rumos, principalmente quando há incorporação de novas técnicas e procedimentos, onde o risco de erros e a possibilidade de correções é presente, exigindo um cuidado maior quanto aos *métodos*, este um dos grandes pontos da discussão teórica.

Assim, idéia, método e linguagem encontram sua importância no processo de criação de uma forma intrínseca, e muitas vezes as etapas intercalam-se, dependendo da postura de trabalho do profissional e dos objetivos finais que ele deseja para sua obra. Por isso a constante preocupação acadêmica sobre “onde estão as fronteiras”, onde começa o processo criativo, ou a aplicação de um método. A criação ocorre enquanto processo mental ou na correção contínua dos rumos de um projeto, na aplicação de um método?

É desta forma que de um lado estão os que se dedicam mais ao criativo enquanto processo mental e de outro se encontram os que privilegiam a prática metodológica como forma de aperfeiçoamento dessa criação, quando não a própria criação em si.

Quanto à linguagem, caberá à personalidade e sensibilidade do projetista a sua maior ou menor qualidade de expressão arquitetônica para aquele que irá “ler”, “utilizar” a sua obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, S. Idéia, método e linguagem. Considerações a respeito da própria experiência sobre o tema. In **Revista Síntese**, n. 2. Florianópolis : CTC/UFSC, s. die.

BARBOSA SOUZA, C. A.; BEECK, C. J. **Nada provém do nada**. Discussão sobre o método em projeto de arquitetura. Florianópolis : UFSC, 2002 (mimeo).

BEECK, C. J. **Idéia, Método e Linguagem na Concepção de Arquitetura**. Florianópolis : UFSC, 2002.

GASPERINI, G. C. **Contexto e Tecnologia**. O projeto como pesquisa contemporânea em Arquitetura. São Paulo : FAU/USP, 1987 (Tese de livre docência).

MAHFUZ, E. **Arquitetura Moderna**. Idéia, método e linguagem. S.l. : s. ed., s. die.